



A CONSTRUÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: O LUGAR DA ARGUMENTAÇÃO

Márcia Mesquita Lacerda¹

Este estudo emerge da minha trajetória como professora de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Santa Bernadete, em Amargosa (BA). No cotidiano das aulas, observo que muitos estudantes da 2ª série do ensino médio reproduzem discursos já naturalizados, sem se apropriar criticamente dos sentidos que circulam em diferentes esferas sociais. Essa constatação suscitou a necessidade de compreender de que modo a escola pode favorecer o desenvolvimento de uma escrita autoral e reflexiva, capaz de tensionar os discursos dominantes e afirmar novas posições de sujeito no espaço escolar.

Parte-se do entendimento de que, na perspectiva da Análise de Discurso materialista, a autoria não se configura como expressão de uma originalidade individual, mas como uma posição discursiva que se constitui na relação entre sujeito, linguagem e história. Ser autor, nesse sentido, significa inscrever-se em um campo de disputas de sentido, no qual se mobilizam memórias discursivas, ideologias e estratégias argumentativas. Escrever, portanto, é um gesto de interpretação e, ao mesmo tempo, de resistência simbólica.

A questão que orienta esta pesquisa é: quais marcas de autoria, relacionadas à argumentação, podem ser identificadas nos artigos de opinião produzidos por estudantes da 2ª série do ensino médio, considerando seus repertórios de leitura e escrita? E de que modo o professor de Língua Portuguesa pode fomentar a criticidade e o exercício argumentativo, contribuindo para a construção da autoria desses sujeitos em formação. A pesquisa tem como objetivo geral analisar as marcas de autoria relacionadas à argumentação presentes em artigos de opinião produzidos por estudantes da 2ª série do ensino médio do Colégio Estadual Santa Bernadete, bem como compreender de que modo o professor de Língua Portuguesa pode fomentar a criticidade e a argumentação, contribuindo para a construção do processo autoral desses sujeitos.

Para sustentar essas reflexões, recorre-se ao referencial teórico da Análise de Discurso materialista, fundamentada nos estudos de Michel Pêcheux (1988) e Eni Orlandi (2008, 2015, 2023) que permitem compreender a autoria e a argumentação como práticas discursivas atravessadas pela ideologia e pelas condições de produção. Segundo Pêcheux (1997), o inconsciente e a ideologia estão ligados em termos materiais, o que significa que a interpretação se dá sempre na relação entre o simbólico e o histórico, nunca de forma transparente. A linguagem carrega um excesso de sentidos: abre possibilidades de significação, mas também impõe limites, já que parte do dizer permanece sempre inacessível ao sujeito.

Nessa direção, Orlandi (2023) compreende que a argumentação, em uma perspectiva discursiva, não se limita à organização lógica das ideias, mas ao movimento do sentido entre posições ideológicas distintas. O argumento, portanto, não é uma técnica de convencimento, e sim o lugar onde se evidenciam

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias das Linguagens (PPPGTEL- UNEB).



confrontos e deslocamentos de sentidos. Assim, ao escrever, o sujeito mobiliza memórias discursivas, seleciona vozes e silencia outras, constituindo-se como autor na medida em que interpreta e se posiciona diante do já-dito.

Essas reflexões sobre o sujeito, o discurso e a argumentação convidam a pensar a escola como um espaço de produção de sentidos e de formação de sujeitos. A prática pedagógica, nesse contexto, ganha centralidade, pois é nela que o estudante pode experimentar a escrita como gesto de autoria. É nesse sentido que a pesquisa dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e com o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB, 2022), que reconhecem o campo da vida social, especificamente o campo jornalístico-midiático, como um território fértil para o exercício da autoria e da argumentação.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, com delineamento descritivo e interventivo. O estudo está sendo desenvolvido em três etapas. A primeira foi a produção diagnóstica inicial, já aplicada, e que se encontra agora na fase de análise das respostas das amostras. A temática discutida nesse diagnóstico, e que também orienta a sequência didática, é o trabalho infantojuvenil, um tema muito próximo da realidade dos estudantes da 2ª série, muitos dos quais convivem com a necessidade de trabalhar precocemente — uma condição que, em vários casos, contribui para o abandono escolar. Essa etapa inicial permite identificar as marcas de autoria e as estratégias argumentativas já presentes nos textos. Na segunda etapa, será realizada a aplicação da sequência didática, centrada na leitura, reflexão, na produção e na reescrita de artigos de opinião. E, por fim, na terceira, ocorrerá a nova produção textual, que servirá de base para a comparação com os textos iniciais.

O recorte apresentado nesta análise contempla as respostas dos estudantes identificados pela nomenclatura AA1, AA2, AA3 e AA4, utilizada como estratégia para garantir o sigilo e a confidencialidade dos sujeitos participantes da pesquisa, às questões 1 e 2 da atividade diagnóstica aplicada após a leitura e escuta da canção Sementes, de Emicida, Drik Barbosa e Matuê. A proposta partiu da análise da música “Sementes”, do rapper Emicida, que aborda o trabalho infantojuvenil, o racismo estrutural e a desigualdade social, temáticas escolhidas por estarem diretamente relacionadas à realidade social dos estudantes e por possibilitarem reflexões críticas sobre o lugar do sujeito na sociedade.

Figura 1 – Trecho da produção inicial do estudante AA1

QUESTIONÁRIO

1. Qual é o tema central dessa música? Cite 3 versos que ajudem a comprovar a sua resposta.

Trabalho infantil, contra infância pela metade, "Crianças não tem trabalho, não não", depois não tem trabalho infantil!

2. O que é ter uma vida digna, segundo a canção? Você concorda com estes posicionamentos? Explique sua resposta.

Ter uma vida digna é ter uma boa educação, ter direito a
deveres, pagar impostos, que proporcione liberdade, bons valores,
com, porque está falando sobre o trabalho infantil e falando
que não vamos a infância pela metade

Fonte: Produção inicial dos estudantes (atividade diagnóstica, 2025)



Na questão 1, que solicitava a identificação do tema central e a citação de três versos que o comprovassem, todos os estudantes reconheceram o trabalho infantil como eixo temático da canção, embora com diferentes formulações.

A resposta de AA1 evidencia uma autoria ainda incipiente, pois o estudante reproduz o discurso socialmente compartilhado de combate ao trabalho infantil, sem se deslocar dele para produzir uma interpretação própria. Segundo Orlandi (2015), a assunção da autoria implica que o sujeito se inscreva na linguagem assumindo uma posição no contexto histórico e social, o que ainda não se evidencia plenamente nesta resposta.

Figura 2 – Trecho da produção inicial do estudante AA2

Fonte: Produção inicial dos estudantes (atividade diagnóstica, 2025)

AA2, por outro lado, apresentou uma resposta mais sintética, reconhecendo o tema, mas sem aprofundar a reflexão ou justificar com trechos específicos da canção, o que indica uma leitura ainda literal.

Figura 3 – Trecho da produção inicial do estudante AA3

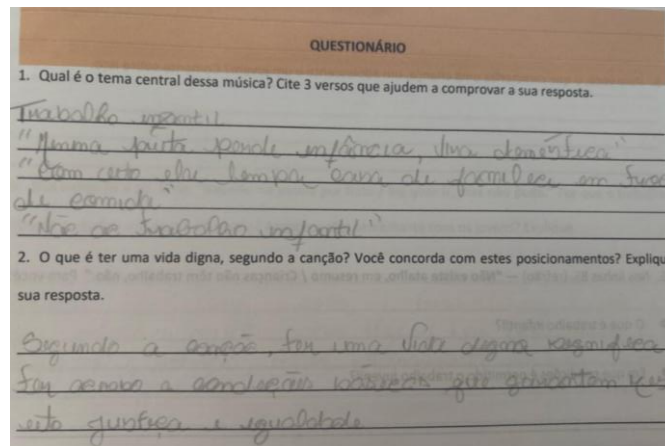
Fonte: Produção inicial dos estudantes (atividade diagnóstica, 2025)

A resposta do estudante AA3, “mas só conhece o que vivencia”, revela uma autoria ainda incipiente, pois o estudante retoma literalmente um verso da canção Sementes, sem deslocar-se do discurso de referência. Nesse caso, o dizer não se configura como produção de novos sentidos, mas como



repetição do já-dito, o que evidencia o funcionamento da paráfrase. A partir dos pressupostos de Orlandi (2015), o sujeito ainda não ocupa plenamente o lugar de autor, uma vez que não assume responsabilidade pelo que diz e como diz, apenas reproduz um discurso preexistente, sem reinscrevê-lo a partir de sua própria posição histórico-social.

Figura 4 – Trecho da produção inicial do estudante AA3



Fonte: Produção inicial dos estudantes (atividade diagnóstica, 2025)

A resposta de AA4 mobiliza os enunciados “Menina preta perde a infância e vira doméstica”; “Com oito ela limpa casa de família em troca de comida” e “Não ao trabalho infantil”, apontando o trabalho infantojuvenil como eixo temático.

Do ponto de vista discursivo, interessa observar como o dizer de AA4 se constitui na relação com o interdiscurso, isto é, com outros dizeres já ditos e disponíveis na memória social. Ao selecionar versos que materializam o sofrimento e a desigualdade, o sujeito AA4 se inscreve numa formação discursiva de denúncia social, em que emergem sentidos de exploração, pobreza e racismo. Há, portanto, um gesto de leitura que reinscreve a voz do rapper em um espaço de significação escolar, onde o discurso artístico e o discurso pedagógico se atravessam.

O sujeito, ao interpretar, reinscreve o dizer de outro em um novo espaço discursivo. Nessa reinscrição, ele não repete, ele produz outros sentidos, determinados pela sua história e pelas condições concretas que o autorizam a falar. Como afirma Orlandi (2015, p. 74), “o sujeito precisa passar da multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor responsável pela unidade e coerência do que diz”. Assim, o enunciado de AA4 permite vislumbrar o movimento de constituição da função-autor, ainda em processo, mas já marcado por uma tentativa de organizar o dizer e de atribuir-lhe uma coerência própria, um indício do modo como o sujeito se posiciona diante das desigualdades que atravessam o social.

Na questão 2, que indagava o que é ter uma vida digna segundo a canção e se o estudante concordava com essa visão, observou-se variação nas respostas. A resposta de AA1 revela uma leitura



sensível da canção Sementes, ao compreender que viver dignamente significa ter garantidos os direitos fundamentais, sobretudo o direito à infância, livre de exploração. O estudante reconhece o problema social e o relaciona à ideia de infância e de direitos, reformulando em seu próprio dizer: “seguir caminhos que proporcionam incentivos e coisas boas”. Esse gesto de interpretação mostra que o sujeito lê a canção a partir de seu lugar social e escolar, mobilizando sentidos que atravessam o cotidiano e a formação cidadã que o constitui. Quando afirma que “vida digna é ter direito e deveres”, AA1 reformula o discurso da canção pela via da moral e do dever, o que revela como o sujeito é atravessado por formações discursivas ligadas à escola, à família e à sociedade, lugares em que o valor do “dever” se apresenta como marca de responsabilidade e pertencimento.

Na perspectiva da Análise de Discurso, argumentar não é justificar uma opinião, mas colocar sentidos em confronto, produzindo deslocamentos ideológicos. Como afirma Orlandi (2023, p. 80), “temos um argumento quando uma formulação faz funcionar um confronto, um deslocamento ideológico.” Na resposta de AA1, esse deslocamento ocorre quando o estudante reinterpreta a noção de “vida digna” com suas próprias palavras e se posiciona contra o trabalho infantil, ativando sentidos de resistência e criticidade.

Na resposta de AA2, o uso de expressões como “livre da necessidade” e “forçado a largar a escola” revela um gesto de interpretação e um movimento autoral, pois o estudante não repete a canção, mas produz seu próprio enunciado. Implicitamente, defende a tese de que a vida digna envolve o direito de estudar, identificando o trabalho infantil como imposição social.

Ao confrontar educação e trabalho precoce, AA2 assume uma posição discursiva crítica, mobilizando o discurso dos direitos e inscrevendo-se em uma memória social e escolar marcada por experiências concretas. Seu dizer produz um efeito de resistência simbólica, deslocando a denúncia para o desejo de liberdade e permanência escolar, o que evidencia o exercício de autoria e criticidade em sua leitura.

A ausência de resposta de AA3 pode ser compreendida, conforme Orlandi (2015, p. 82), como um não-dizer que também significa. O silêncio do estudante inscreve-se no campo do discurso como marca de sentidos possíveis, mas não atualizados, talvez interditados pelas próprias condições concretas de sua enunciação. Esse gesto silencioso evidencia o limite entre o que pode e o que não pode ser dito no espaço escolar, revelando que o discurso do aluno é atravessado por tensões ideológicas e por memórias discursivas que, naquele momento, encontram no silêncio a forma de significar.

Já AA4 escreveu: “Segundo a canção, ter uma vida digna significa ter acesso a condições básicas que garantam respeito, justiça e igualdade.” Essa resposta demonstra coerência na formulação do sentido de dignidade, alinhando-se ao discurso ético e social da música e evidenciando um processo de compreensão mais elaborado, que relaciona o texto à realidade social.

Assim, as respostas revelam que AA1 e AA4 apresentam maior domínio interpretativo e capacidade de atribuir sentido social ao texto, enquanto AA2 e AA3 demonstram limitações de desenvolvimento



argumentativo. As produções analisadas confirmam a relevância da temática, pois permitem observar como os estudantes se posicionam diante de questões que atravessam suas experiências cotidianas, possibilitando a leitura como prática discursiva e social. Esse diagnóstico inicial fornece subsídios para as intervenções da sequência didática, voltadas à ampliação da autoria e da criticidade no processo de produção escrita.

Os dados analisados permitem compreender que a escrita, mesmo em sua forma inicial, é atravessada por gestos de interpretação que revelam modos singulares de o estudante se inscrever no discurso. As respostas demonstram que, ao ler e (não) dizer, o sujeito movimenta sentidos, reinscreve o texto em seu contexto e produz deslocamentos que revelam a complexidade da relação entre linguagem, ideologia e história. Nesse percurso, o exercício da autoria e da argumentação emerge como possibilidade de tomada de posição e de produção de sentido, reafirmando a escola como espaço escuta e de construção de vozes que, muitas vezes, encontram no dizer, e também no silêncio, formas de significar o mundo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ /UNDIME, 2017.
- BAHIA. Secretaria da Educação do Estado. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio** (v. 2). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Argumentação e Análise de Discurso**: Conceito e Análises. Campinas: Editora da Unicamp, 2023.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e interdiscurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.